



SAÍDA DE CAMPO ÀS SARRAIPAS, SERRA DE ATOUGUIA E CABEÇO DE MECA

APONTAMENTOS GEOLÓGICOS

Em resultado das forças distensivas que fraturaram o supercontinente Pangeia, existente na Terra durante a era Paleozóica, deu-se o afastamento entre a América do Norte e a Europa e iniciou-se a abertura do oceano Atlântico há uns 200 M.a. (Gordani, 2013). O início do fraturamento associado a um limite divergente de placas tectónicas foi marcado por grandes eventos vulcânicos na recém-formada zona de rifte. O vulcanismo de tipo basáltico, comum nestes locais, deve-se à ascensão de um fluxo quente que provoca a fusão parcial de materiais de uma zona superior do manto terrestre e a produção de magmas básicos. Nesses locais existe a formação de nova litosfera oceânica, havendo um progressivo afastamento entre as placas continentais e dessa forma foi nascendo o segundo maior oceano da atualidade.

Existem provas de que a zona do rifte médio-Atlântico, que atualmente é responsável pelo vulcanismo existente nos Açores ou na Islândia, se situou outrora no bordo Este do continente europeu. Esses vestígios do vulcanismo passado são possíveis de observar em Portugal por exemplo no conjunto de formações geológicas denominadas por Complexo Vulcânico de Lisboa. Segundo Zbyszewski (1965), na zona de Alenquer os basaltos e tipos afins formam filões, como os existentes em Vila Verde dos Francos ou Casal do Outeiro, e chaminés vulcânicas como é possível observar no Monte de Santa Quitéria de Meca ou nas Coteínas. Em termos gerais pode-se considerar que o principal afloramento magmático do concelho de Alenquer, corresponde à chaminé vulcânica do Monte de Santa Quitéria de Meca. Nessa chaminé basáltica, existiu durante alguns anos a exploração de uma pedreira aberta,



Coteínas

originando-se uma depressão central de alguma profundidade que actualmente se encontra parcialmente coberta de água, formando uma lagoa de cor azul esverdeada. A rocha que aflora nas chaminés vulcânicas das Coteínas é um limburgito típico (Zbyszewski, 1965), ou seja, uma rocha magmática vulcânica ultrabásica, com muito reduzido teor em sílica, onde é notória a escassez de plagioclase na pasta. Os basaltos da zona são na realidade basanitóides.

Num concelho dominado por rochas sedimentares maioritariamente de natureza calcária e tonalidades claras, certamente essas rochas magmáticas de características tão distintas terão despertado o interesse e curiosidade dos habitantes locais. Com o afastamento das placas tectónicas, já descrito anteriormente, formaram-se margens continentais passivas voltadas para o Atlântico, afetadas e afundadas pelo fraturamento, dando origem a um conjunto de bacias sedimentares (Gordani, 2013). O desenvolvimento de todas essas bacias nas plataformas e taludes continentais dá-se primeiro num ambiente de sedimentação de águas rasas com muita evaporação e posteriormente, com o oceano já aberto, a sedimentação começa a ocorrer em ambiente marinho mais profundo.

Os calcários que afloram na Serra de Atougua são datados do Kimeridgiano (Jurássico) e têm mais de 100 m de espessura no vale da ribeira de Ota, existindo camadas de aspeto brechoide com elementos pretos, angulosos ou arredondados no meio dos calcários brancos e por baixo existem calcários em lages e outros compactos com Nerineas (Zbyszewski, 1965). Estes materiais são anteriores à deposição dos sedimentos que deram origem às rochas designados na Carta Geológica de Portugal, folha 30-D, por Grés de Torres Vedras, correspondendo essa mudança na sedimentação a um aumento da energia presente na bacia de sedimentação, podendo tratar-se de uma regressão marinha, ou seja, ao recuo do nível do mar na região, com um aumento da granulometria dos materiais depositados.

As Sarraipas, localizadas junto da Pocariça –Olhalvo, correspondem a uma estrutura geológica em sinclinal onde afloram o complexo arenítico argiloso do Jurássico superior (Portlandiano), constituído essencialmente por arenitos finos argilosos de fraca consolidação (Costa, 2010), e arenitos grosseiros do Cretácico inferior (Albiano), designado genericamente por Grés de Torres Vedras. As areias resultantes da meteorização destas rochas teriam sido utilizadas por exemplo para a construção civil pelas populações locais. No concelho de Alenquer apenas existem afloramentos idênticos junto às localidades de Abrigada, Atougua e Cabanas do Chão.

VEGETAÇÃO

As Sarraipas são um sítio biologicamente degradado em que a principal espécie arbórea é o exótico eucalipto. A presença de vegetação autóctone de porte arbóreo é escassa. As medidas de erradicação do nemátodo do pinheiro que o país implementou desde 1999 passaram por aqui, e, se pinhais

contínuos existiram nas Sarraipas, desta espécie não resta mais do que a presença de algumas árvores jovens de pinheiro bravo que despontam de modo muito disperso.

Quer o pinheiro manso quer o pinheiro bravo são espécies nacionais, adaptadas a solos arenosos e pobres, sendo de supor que sem intervenção humana seriam árvores que ocorreriam sobretudo no litoral. As suas regiões de ocorrência no entanto não estão delimitadas, pelo que não nos parece desajustado considerar os arenitos das surraipas como solos onde podem ocorrer naturalmente.

De modo igualmente disperso encontramos pequenos sobreiros, a outra espécie autóctone que em conjunto com o pinheiro constitui a vegetação arbórea natural desta zona.



Sobreiros, Bairro

O sobreiro é uma árvore da família dos carvalhos que pode ocorrer em todo o território nacional. Até à época dos descobrimentos marítimos a Península Ibérica era um imenso bosque de quercíneas em que predominava o carvalho, a azinheira e o sobreiro. Estima-se que uma embarcação de médio-grande porte requeria pelo menos 2000 carvalhos, para além de outras madeiras. Com os descobrimentos o derrube de árvores atingiu uma tal proporção que a primeira Carta Régia de protecção ao sobreiro e à azinheira surge em 1502, devido à utilidade destas duas espécies respectivamente na produção de cortiça, e de bolota comestível, então ainda um alimento indispensável à dieta das populações. Recorde-se que o milho e a batata, plantas naturais

da América, só passaram a fazer parte dos hábitos alimentares dos Europeus depois dos descobrimentos. O predomínio do sobreiro e da azinheira em determinadas regiões do território nacional constitui ainda uma consequência do abate selectivo que desde então se passou a verificar. No entanto o predomínio da ocorrência de quercíneas nas surraipas na forma de pequenos sobreiros pode ter outra explicação. O carvalho cerquinho, espécie dominante nos bosques autóctones da Estremadura, é muito bem adaptado aos solos calcários, enquanto os solos das Sarraipas são arenosos. Por outro lado, verificamos que a sudeste na zona do vale das Coteinas até ao Bairro, o sobreiro está em expansão, em terrenos de minifúndio abandonados para a agricultura. Já na zona do Bairro encontramos um pequeno bosque de sobreiros de grande porte que será a reserva biogenética que fornece as sementes à expansão do sobreiro nas Coteinas e nas Surraipas. Os solos nesta zona são argilas de cor avermelhada, possivelmente devido à oxidação dos

materiais ferrosos associados ao vulcanismo, que o sobreiro pode tolerar melhor do que o carvalho cerquinho, o que pode justificar o seu predomínio, numa zona em que não se encontram cerquinhos. Ainda nas Sarraipas encontramos uma pequena lagoa artificial num pequeno curso de água, povoada por tabua-larga. Os solos arenosos constituem boas zonas de infiltração. A ocorrência de exsurgências nas Sarraipas pode dever-se a uma camada impermeável que retém as águas por debaixo do arenito e à pressão hidrostática originada nas zonas mais elevadas a sudoeste, nomeadamente nas Coteinas.

A tabua-larga é uma espécie de junco que ocorre em habitats húmidos, como terrenos encharcados, margens de charcos e surge com frequência no leito das ribeiras, em zonas onde não sofre a concorrência das canas, e em tempos era cortada para as diversas aplicações, nomeadamente colmo para coberturas, esteiras, ou complemento de vedação das barricas usadas na vinicultura. Partes da tabua são comestíveis, pelo que não se pode excluir que tenha sido utilizada também como alimento.



Sarraipas, lagoa com tabua-larga

A Serra de Atouguia tem vindo a ser ocupada por pedreiras nas duas últimas décadas, sem que quaisquer medidas de recuperação paisagística tenham sido implementadas, e a paisagem acusa as feridas causadas por esta indústria em expansão. As pedreiras, que se estendem por todo o maciço calcário que vai desde Atouguia até Alenquer, constituem um dos maiores problemas ambientais do concelho. São centenas de hectares de explorações de calcário a funcionar há dezenas de anos, onde nunca foram implementadas quaisquer medidas minimizadoras da degradação paisagística que esta indústria extractiva provoca. Na Serra de Atouguia no entanto o abandono da pequena agricultura nestas terras pobres, permitiu a renaturalização de parcelas que em tempos tinham sido arroteadas para cultivo, o que tem levado à regeneração do coberto vegetal característico da serra calcária. É notável a recuperação do bosque de carvalho cerquinho, que se tem vindo a reconstituir a partir de algumas árvores subsistentes em zonas de taludes. A aroeira, o carrasco, o zambujo, espécies arbustivas que ocorrem naturalmente nos matagais mediterrânicos pré-florestais do centro e sul do país, surgem aqui associadas ao processo de renaturalização deste maciço calcário.

A ferida aberta pelas pedreiras na zona do canhão cársico, no entanto permanece em expansão.

É de notar a influência do solo no povoamento vegetal. Enquanto nos barros vermelhos das Coteinas e nos arenitos das Sarraipas a quercínea predominante é o sobreiro, na Serra de Atouguia, onde o teor de calcário ativo é elevado, predomina o carvalho cerquinho, o que se ajusta à observação académica de que o sobreiro evita solos ricos em cálcio.

UMA TESE SOBRE A SACRALIDADE ASSOCIADA AO CABEÇO DE MECA

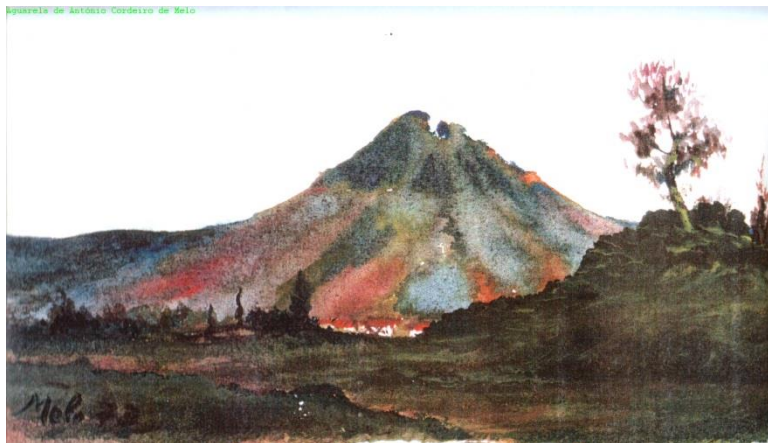
Para além do interesse geológico, a “*notável chaminé de Santa Quitéria de Meca*”,¹ como Zbyszewski lhe chamou, constitui motivo de enorme interesse etnográfico. Meca, a pequena aldeia que se ergue no sopé do monte, é sede de uma basílica de dimensões desproporcionadas em relação ao tamanho da povoação, construída ao tempo da rainha D. Maria em honra de Santa Quitéria. A imponente da basílica atesta a sacralidade de um local onde os cultos são praticados desde os tempos mais remotos.

Santa Quitéria terá sido uma virgem mártir nascida no século II da era atual que preferiu suicidar-se a aceitar um casamento imposto pelo pai. A hagiologia lusitana refere Braga como local do seu nascimento, mas Espanha e França também lhe prestam culto e apresentam-na como nativa.

A ligação de Santa Quitéria a Meca remontará a 1238, quando, segundo a bibliografia religiosa, terá aparecido na Quinta de S. Braz uma pequena imagem da Santa. Ter-se-á então edificado ali uma capela para abrigar a imagem, e o culto terá dado origem a uma confraria que se tornou nas mais prósperas de Portugal. A referência à prosperidade desta confraria constitui mais um interessante indicador sobre a importância religiosa deste local, cuja sacralidade, existem boas razões para crer, será anterior ao episódio do século XIII. Sendo Quitéria uma Santa que não é natural deste lugar e viveu em tempos tão recuados, não podemos excluir a possibilidade de a aparição da sua imagem constituir o baptismo cristão de um importante local de culto anterior ao cristianismo, tanto mais que no percurso da sua implantação, o cristianismo nunca mostrou grandes reservas em cristianizar os cultos que o precederam. O caso mais emblemático é o Natal, a festa pagã do solstício de inverno em honra do Deus Saturno, a festividade mais importante da Roma pagã, mas muitos dos anjos e santos cristãos, não são mais do que os antigos deuses pagãos que entretanto foram cristianizados. E quanto a templos, depois de guerras e conquistas, o que os vencedores da antiguidade frequentemente fizeram foi adaptar os templos conquistados às suas crenças, mesmo que fosse necessário demolir e construir de novo.

¹ Carta Geológica de Portugal, Alenquer, pág. 89

Meca é inegavelmente um topónimo árabe, pelo que podemos presumir a existência do povoado pelo menos desde a presença islâmica na Península Ibérica. A islamização deste território é atestada pelas lendas associadas a Alenquer, por designações como “escadinhas da mesquita”, ou os topónimos *atalaia*, termo árabe que designa posto de vigia, e *Mossorovia*, ou *moçarabia*, comunidade cristã no



Cabeço de Meca, aguarela de António Cordeiro de Melo

seio do mundo árabe. Não conhecemos documentos escritos sobre o passado árabe de Alenquer, mas a alguns muçulmanos desta região não deverá ter passado despercebida a similitude de cor entre o basalto deste cone vulcânico e a Pedra Negra da *Kaaba*, a pedra que está dentro do enorme cubo que se encontra no centro da mesquita de Meca, a capital espiritual do islão.

A expressão “*correr Ceca e Meca*”, usada também em Espanha, é frequentemente explicada como uma referência aos lugares sagrados do islão. *Ceca* seria uma referência à mesquita de Córdoba, que assim se designaria, e *Meca*, claro, o centro arábico do islamismo. Cervantes em *D. Quixote de la Mancha* utiliza-a numa das falas do escudeiro Sancho Pança. Mas a expressão portuguesa completa é “*correr Ceca e Meca e Olivais de Santarém*”, o que retira sentido à explicação apresentada, visto ser insatisfatório aceitar a mistura de coisas tão díspares no mesmo provérbio.

Almeida Garret em *Viagens na Minha Terra* também dissertou sobre a expressão: “*Ora donde veio esse nome de Asseca? Algures daqui perto deve de haver sítio, lugar ou coisa que o valha, com o nome de Meca; e daí talvez o admirável rifão português que ainda não foi bem examinado como devia ser, e que decerto encerra algum grande ditame de moral primitiva: andou por Seca (Asseca?) e Meca e Olivais de Santarém, Os tais Olivais ficam logo adiante. É uma etimologia como qualquer outra.*”²

Se a *Ceca* da expressão é a *Asseca* ribatejana, então nós sabemos onde fica o lugar com o nome de *Meca* cuja localização Garret desconhecia, e a origem do provérbio pode remontar ao tempo das guerras entre cristãos e mouros, quando os exércitos calcorreavam a região entre os castelos de Santarém e Alenquer, a linha da frente da defesa de Lisboa. Se esta é a explicação do provérbio, então a *Meca* islâmica de Alenquer já seria por esta altura um santuário importante. O topónimo

² *Viagens na Minha Terra*, pág. 61

Meca invoca a cidade santa do islão pelo que esta pequena Meca pode bem ter sido um santuário local.

Mas se os muçulmanos se deixaram impressionar pelo basalto negro deste cone vulcânico, podem nem sequer ter sido os primeiros, e ter-se limitado a converter cultos anteriores, como o cristianismo tantas vezes fez. Os cultos associados ao Cabeço de Meca podem remontar ao paganismo e ter sido iniciados como simples reverência à natureza.

Na Europa Mediterrânica abundavam os cultos pagãos associados à montanha. Delfos, porventura o mais importante santuário da antiguidade, fica localizado numa montanha e está associado ao vulcanismo, e o monte Olimpo, a mais alta montanha da Grécia, constituía a morada dos deuses. Cultos associados à montanha existem ainda hoje em Montejunto, que continua a ser local de romaria e de festividade religiosa para as populações de dois povoados de ambas as vertentes da Serra, e, em todo o território nacional o que não falta são santuários instalados no cimo de montes.

O Cabeço de Meca, um cone magmático no seio de uma região onde as pedras são calcárias, montanha com forma geométrica que se avista de distâncias consideráveis, constitui uma singularidade que desperta curiosidade e impressiona. Por outro lado o basalto, rocha vulcânica, tem maior dureza que o calcário e presta-se a utilizações que não estão ao alcance de rochas mais brandas; as águas que brotam destes solos, por sua vez, têm uma composição química diferenciada das águas mais duras dos calcários, que pode ter levado a que fossem vistas como adequadas para tratamentos hidrotermais.

Estes são os atributos que podem ter feito de Meca um local religioso ao qual ainda hoje se presta reverência. As festas de Meca foram ainda num passado recente uma romaria de grande importância à qual acorria população de todos os cantos do concelho.

Desaparecidas as sociedades rurais que davam vida a estas festividades, e perdida a reverência pela montanha, surgiu no cone vulcânico de Meca a exploração em grande escala de uma pedreira de basalto. Licenciada em 1997, em 2004 o Cabeço já estava completamente devastado. Como a Alambi denunciou na altura, as cotas de exploração licenciadas foram largamente ultrapassadas, sem que, aparentemente, ninguém tenha reparado nisso. A cota de exploração máxima permitida eram os 230 metros – sensivelmente a mesma altitude a que ainda está instalado o equipamento de britagem que pode ser avistado por todos – mas a profundidade da corta ultrapassa esta marca em pelo menos 20 ou 30 metros. A montanha, todavia, continua imponente em toda a sua singularidade. No seu cume, existe agora um enorme lago de águas verde/olivina, a provar que o Cabeço de Meca continua a ser um local diferente de tudo quanto se avista em seu redor.

Referências bibliográficas:

Costa, M. (2010). Redes viárias de Alenquer e suas dinâmicas: Um estudo de arqueogeografia. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Retirado de: <http://hdl.handle.net/10316/18169> <http://hdl.handle.net/10316/18169>

Gordani, U. (2013). O Oceano Atlântico e sua história geológica. Anais da 65ª reunião anual da SBPC. Recife: Instituto de Geociências da USP.

Retirado de: http://www.sbpcnet.org.br/livro/65ra/PDFs/arq_2136_791.pdf

Zbyszewski, G. (1965). Carta Geológica de Portugal: Notícia explicativa da folha 30-D. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal

Árvores e Florestas de Portugal, volume 2, Carvalhais, edição LPN

Árvores e Florestas de Portugal, volume 4, Pinhais e Eucaliptais, edição LPN

<https://cultura.revues.org/352>

<http://alvor-silves.blogspot.pt/2016/06/virando-para-meca.html>

GARRET, Almeida, *Viagens na Minha Terra*, Porto Editora, 1979

Plano Ambiental de Recuperação Paisagística da Pedreira de Meca

Alenquer, Agosto de 2016

A direcção da Alambi

APARTADO 63 2584-909 ALENQUER geral@alambi.org Tel. 969045763 www.alambi.org
*A Alambi é uma Organização Não Governamental de Ambiente de âmbito local,
inscrita no Registo Nacional de ONGA e na Confederação Portuguesa das Associações de Defesa do Ambiente*